



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

LETÍCIA SANTOS DE VASCONCELOS

**PERCEPÇÕES DO ENSINO EM DANÇA NA CENA DE FORTALEZA:
RELATO DE EXPERIÊNCIAS E TRAJETOS DE FORMAÇÃO
NAS PERSPECTIVAS DISCENTE E DOCENTE**

FORTALEZA/CE

2021

LETÍCIA SANTOS DE VASCONCELOS

**PERCEPÇÕES DO ENSINO EM DANÇA NA CENA DE FORTALEZA:
RELATO DE EXPERIÊNCIAS E TRAJETOS DE FORMAÇÃO
NAS PERSPECTIVAS DISCENTE E DOCENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- V45p Vasconcelos, Leticia Santos de.
Percepções do ensino em dança na cena de Fortaleza : relato de experiências e trajetos de formação nas perspectivas discente e docente / Leticia Santos de Vasconcelos. – 2021.
60 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva.
1. Formação em dança. 2. Graduação em dança. 3. Políticas públicas. I. Título.

CDD 792.8

LETÍCIA SANTOS DE VASCONCELOS

**PERCEPÇÕES DO ENSINO EM DANÇA NA CENA DE FORTALEZA:
RELATO DE EXPERIÊNCIAS E TRAJETOS DE FORMAÇÃO
NAS PERSPECTIVAS DISCENTE E DOCENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues
da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Paulo Sérgio Caldas de Almeida
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ms. Rosa Ana Fernandes de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico a todos os meus professores de dança
que contribuíram na minha formação
enquanto pessoa e artista.

AGRADECIMENTOS

Quero deixar meu reconhecimento e agradecimento aos artistas e profissionais da dança Flávio Sampaio, Ernesto Gadelha, Andréa Bardawil e Wilemara Barros, que foram responsáveis por abrir os caminhos da formação em dança de Fortaleza e no Ceará.

Agradeço aos meus colegas e amigos da graduação, com quem caminhei junto e pude acompanhar o crescimento artístico e profissional de cada um e que me deram força no meu caminho.

Agradeço aos meus professores que fizeram parte da minha formação em dança, em especial a minha orientadora Thaís Gonçalves, pela calma e sabedoria em me ensinar, tornando-se para mim um grande exemplo como profissional, dedicada e competente na sua atuação.

À Rosa Primo, de quem me tornei “fã”, antes mesmo de conhecê-la pessoalmente. O primeiro contato foi através da leitura do seu livro sobre a história da dança no Ceará, depois como bolsista no PIBID-Dança.

Agradeço à Onete da Costa e Maria Jenuilma, respectivamente representante legal e coordenadora do Projeto ABC, no Bom Jardim, e a todos os funcionários do Projeto ABC e Circo Escola, que me receberam muito bem durante o período de estágio da Licenciatura em Dança. Em especial, à Ellen Neres, professora de dança da turma na qual estagiei.

Agradeço à Escola Pública de Dança da Vila das Artes, pelo acolhimento que os profissionais, alunos e pais dos alunos tiveram comigo, pelas partilhas e contribuições durante a realização do período de estágio da Licenciatura em Dança.

Agradeço ao Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), cujas atividades contribuíram para a minha trajetória na dança. Um agradecimento especial ao gerente de formação Joaquim Araújo, que admiro muito, assim como aos profissionais da equipe de

formação da qual eu faço parte: professores, assistentes, secretária e coordenadores.

À professora de dança Dorotéia Ferreira, minha colega de trabalho, com quem venho pensando e desenvolvendo as aulas no curso de longa duração em dança do Centro Cultural Bom Jardim.

Agradeço aos meus pais, por sempre terem me incentivado a estudar, me conscientizando que este é o melhor caminho na vida.

E com muito amor e carinho, agradeço ao meu sobrinho Thalisson Gomes, de 5 anos, que demonstra grande admiração por mim e pela dança, é meu aluno mais dedicado e sempre está querendo aprender comigo, mostrar suas práticas e habilidade em absorver o que partilhamos quando estamos juntos.

RESUMO

Este trabalho é um relato sobre minhas experiências em dança, passando por formações em diferentes espaços públicos, em Fortaleza, nas esferas municipal (CUCA Barra do Ceará, Vila das Artes), estadual (Centro Cultural Bom Jardim, Projeto ABC, Curso Técnico em Dança), e federal (Universidade Federal do Ceará). Destaco a importância desses equipamentos culturais como parte das políticas públicas voltadas para a dança, tanto pelo impacto na vida das pessoas que moram em bairros periféricos e, através de suas ações, acessam a arte, como por abrirem caminhos para uma profissionalização em dança. De aluna a professora de dança, faço uma análise da trajetória formativa, considerando as experiências docentes vivenciadas como aluna da Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Ceará (UFC), através dos estágios supervisionados, da monitoria no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-Dança), bem como eventos acadêmicos na área das artes. São vivências que me permitem retornar ao Centro Cultural Bom Jardim, como professora de dança, e poder participar da reformulação de um projeto pedagógico que ampliou as possibilidades de profissionalização de crianças e adolescentes nas artes, colaborando ativamente para a manutenção das políticas públicas que me beneficiaram.

Palavras-chave: Formação em dança, Graduação em dança, Políticas públicas.

ABSTRACT

This work is an account of my experiences in dance, going through training in different public spaces, in Fortaleza, at the municipal (CUCA Barra do Ceará, Vila das Artes), state (Centro Cultural Bom Jardim, Projeto ABC, Curso Técnico em Dança), and federal (Universidade Federal do Ceará). I highlight the importance of these cultural facilities as part of public policies aimed at dance, both for the impact on the lives of people who live in peripheral neighborhoods and, through their actions, access art, as well as for opening paths for a professionalization in dance. From student to dance teacher, I make an analysis of the formative trajectory, considering the teaching experiences lived as a student of the Degree in Dance of the Universidade Federal do Ceará (UFC), through supervised internships, of monitoring in the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-Dança), as well as academic events in the arts. These are experiences that allow me to return to the Centro Cultural Bom Jardim, as a dance teacher, and to be able to participate in the reformulation of a pedagogical project that expanded the possibilities of professionalizing children and adolescents in the arts, actively collaborating for the maintenance of public policies that benefited me.

Keywords: Training in dance, Graduation in dance, Public policies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. CAPÍTULO I	
SER ALUNA DE DANÇA NO CONTEXTO DE UM PÓLO CULTURAL: PERCEPÇÕES DE UMA DISCENTE NO CENTRO CULTURAL BOM JARDIM ..	25
2.1 O interesse pela dança: as primeiras aulas no Bom Jardim	27
2.2 Entendendo o projeto cultural do CCBJ para o Bom Jardim	29
3. CAPÍTULO II	
EXPERIÊNCIAS E TRAJETOS: FORMAÇÃO EM DANÇA COMO PARTE DO ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS CONTINUADAS	31
3.1 Profissionalização: graduação em Dança	32
3.2 Curso Técnico em Dança	35
3.3 PIBID-Dança	37
3.4 Estágios supervisionados	40
4. CAPÍTULO III	
UM RETORNO AO CCBJ: DE ALUNA À PROFESSORA	49
4.1 Diante dos alunos: desafios de ensinar dança	50
4.2 CCBJ revê suas políticas de formação	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

Comecei a conhecer a dança a partir do formato de aulas regulares ofertadas pelo Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), em 2010, quando me matriculei no curso de *hip hop freestyle*. A construção do CCBJ mudou a vida de muitas pessoas, inclusive a minha, lá comecei meu percurso mais a sério na dança. Antes, eu tinha sido aluna do Projeto ABC¹, também no bairro Bom Jardim, onde participei de alguns cursos dos meus 10 até os 16 anos, entre eles tive experiências de curto período e pontuais com atividades de dança, das quais participei quando já estava há mais de 2 anos no projeto, pois havia grande procura por essa atividade.

Estudei danças regionais, que era uma forte característica do estilo de dança ensinado lá, além das aulas de jazz, porém foi no período que passei a frequentar menos e fui saindo do ABC, pois este projeto é para faixa etária até os 17 anos. Eu já estava no ensino médio e com preocupação e empenho para finalizar os estudos e começar a trabalhar como jovem aprendiz - um projeto do governo federal, no qual adolescentes e jovens de 14 à 24 anos trabalham entre 4 e 6 horas por dia e seguem estudando. Nesse período já estava matriculada no CCBJ, fazendo aulas à noite, que era o meu tempo livre quando chegava da escola.

Quando concluí o ensino médio, o desafio era entrar para uma graduação em universidade pública, então permaneci estudando no cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Eu queria cursar Letras-Português e Inglês, pelo meu desejo em escrever, ler, pois acreditava que seguindo neste caminho poderia me transformar em uma escritora ou até mesmo traduzir livros e viajar para outros países no futuro. Na escola, português, inglês e gramática eram minhas matérias preferidas, gostava muito de ler histórias, sobretudo as que me fizessem criar as cenas escritas usando minha imaginação. Isso é muito fascinante.

Nessa fase tudo que pensava eram duas possibilidades: ingressar na faculdade ou ter um emprego. Eu já estava muito envolvida com a dança, mas não percebia que seria preciso fazer uma graduação em dança, até porque eu queria me tornar uma dançarina profissional e não planejava me profissionalizar como

¹ O ABC – Aprender, Brincar e Crescer é um projeto de incentivo à cultura, esporte e lazer. Projeto do Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social, que tem uma parceria com o Conselho Comunitário dos Moradores do Parque Santa Cecília desde junho de 1992. O objetivo é ofertar atividades, esportivas culturais, de apoio à escolaridade e de inclusão digital gratuitamente, possibilitando a socialização, reconhecimento de potencialidades e fortalecendo vínculos familiares e comunitários, bem como gerar possibilidade de inclusão social. O projeto recebe crianças de seis até os seus 17 anos de idade.

professora. Mas outras coisas foram me interessando e mudando meu pensamento e meu caminho.

Logo comecei a trabalhar em meio período, enquanto continuava na dança. Não queria parar de dançar por nada. Pela divulgação da programação mensal do CCBJ, que vinha em formato de pequenas revistas, comecei a conhecer as parcerias entre os Centros Culturais em Fortaleza e os cursos que eles ofereciam. Foi assim que conheci o Curso Técnico em Dança (CTD), uma formação para intérpretes-criadores com dois anos de duração e mantida por uma iniciativa do governo estadual do Ceará.

Em 2013, fui em busca de fazer cursos no CUCA Barra, um centro cultural vinculado à Prefeitura de Fortaleza. Como os cursos de lá são de curta duração, fiz vários: de circo – tecido, alongamento, jazz, dança contemporânea, entre outros. Mas meu foco era melhorar minha técnica para dançar. Aproveitei bastante, na sequência entrei na monitoria e após finalizar a monitoria em 2014, fui chamada para ficar trabalhando lá.

Ao fazer o ENEM, no ano de 2014, cheguei a colocar Dança como minha opção de curso, depois de pensar em que atividade eu realmente me considerava boa e no que seria prazeroso para me dedicar a 4 anos de estudos. No ano seguinte ingressei na Universidade Federal do Ceará (UFC) como aluna do curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte (ICA). Foi uma emoção enorme, uma conquista muito forte pra mim. Gosto muito de me desafiar e ter novas experiências e eu sabia que ali teria um caminho de realizações.

A cada semestre me identificava ainda mais com a escolha que tinha feito. Fui monitora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) entre 2015 e 2018, um programa que me aperfeiçoou para os desafios da sala de aula, onde aprendi a construir os planos de aula, pensar na metodologia, nos objetivos e colocá-los em prática junto aos alunos. Essa foi uma experiência profissional com o ensino que me deu a consistência e amplitude que eu não tinha até então como professora.

Na graduação, estudando a dança para além do movimento, percebi suas implicações no meu modo de viver, o quanto a considero importante na minha formação. A docência é algo que foi acontecendo na minha vida. Não sabia se queria ser professora, eu sabia que queria estudar e conhecer diversos lugares,

como os teatros de Fortaleza, outras cidades, museus, ver outros grupos dançando, se articulando e buscando formas de tornar as experiências com o ensino-aprendizagem mais divertidas e interessantes. A graduação em Dança na UFC, me trouxe a oportunidade de perceber novas formas de criar e dialogar com o mundo ao meu redor, pois, como diz a artista e educadora Isabel Marques,

a educação através da arte pode ir além do universo pessoal, subjetivo e emocional do aluno: ela pode abranger e problematizar a realidade sócio-político-cultural daquele em toda sua diversidade e complexidade (MARQUES, 2011, p. 46).

Estudando a dança profissionalmente eu fui elaborando várias questões e dúvidas, fui criando trabalhos em dança como resultado das disciplinas, percebi o quanto é complexo e gratificante participar e ter um processo intenso, se encontrar no seu modo de criar e de fazer arte. Durante a graduação, ingressei no Curso Técnico em Dança, no ano de 2016. Foi muito revolucionário para mim, me mudou completamente enquanto pessoa e profissional. Nesse momento, deixei de ser somente dançarina e comecei a perceber diversas outras dimensões da arte nas esferas artística e política.

Ao mesmo tempo, foi um período complicado porque pensei que queria parar de dançar quando me machuquei pela quantidade de coisas que fazia com meu corpo. Toda minha energia era para a dança, eu era muito afoita e lembro que foi nesse período que comecei a pensar mais sobre o sentido do que estava seguindo e o que eu realmente queria, como eu queria dançar e qual profissional eu gostaria de ser.

No 4º semestre da graduação em Dança, cursando paralelamente o CTD, pensei em desistir, porque eu fiquei imersa em todas as informações que estava adquirindo e não sabia o que fazer com elas. Algumas vezes eu não conseguia vislumbrar o caminho que teria pela frente. Estava sempre querendo fazer mais, participar de mais coisas, engajar-me em mais projetos. Vivi um pequeno colapso.

O aprendizado acontece em tempos e percepções diferentes, tempo menor para uns e maior para outros, pois enxergamos as situações do dia a dia de pontos de vista diferentes, de acordo com nossas experiências, que se constroem desde que nascemos. Perceber nossa correria diária contra o tempo, tentando chegar o mais rápido possível à realização dos nossos objetivos, me faz querer ter um pouco mais de calma e cuidar para não atropelar as experiências. No texto *Notas sobre a*

experiência e o saber da experiência, diferenciando-a da informação, o autor Jorge Larrosa Bondía, diz:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar; demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Dar-se tempo para (se) descobrir e (se) conhecer. O grande desafio está em tornar ativo o desejo e o prazer do processo em si, do que ele significa. Dançando percebo o quanto transformei meu pensamento e o quanto isso me ajuda a ter uma vida mais saudável, pois as possibilidades de diálogo aumentam e conseqüentemente as de resolver os conflitos que surgem no cotidiano. Hoje não me cobro tanto pelo que eu não sou, mas procuro me conhecer cada vez mais, compartilhar o melhor de mim enquanto profissional e refletir isso na sala de aula, como aluna e professora. De acordo com a bailarina e pesquisadora Patrícia Leal,

Reconhecer na individualidade de cada corpo os seus limites e possibilidades tem como objetivo maior o equilíbrio, a harmonização corporal. Este processo acontece gradualmente por meio da conscientização corporal, em busca de uma utilização mais harmoniosa do corpo que se expressa. Sendo que este percurso depende de cada bailarino em seu processo de vida, na medida em que traz à consciência bloqueios muitas vezes reprimidos. E nem sempre basta conhecê-los para desfazê-los. No trabalho corporal não podemos forçar as mudanças, este é um processo em que cada pessoa tem o seu tempo, atende as suas possibilidades e limites. (LEAL, 2000, p. 51).

Acredito ter trazido uma calma para a minha própria dança, que era agitada como eu. Precisei mudar para minha dança também mudar. É como diz Ida Mara Freire:

As qualidades de qualquer movimento são as manifestações de como a mente é expressa através do corpo que está em movimento. As mudanças nas qualidades de movimento indicam que a mente mudou o foco sobre o corpo” (FREIRE, 2001, p. 46).

Lembro-me de disciplinas como *Tópicos Especiais em Dança: Percepções*, ministrada pela professora Thais Gonçalves, *Dança e Investigação Técnica*:

Memória, ministrada pela professora Patrícia Caetano, entre outras que abordam esse cuidado com o corpo, com o tempo e as percepções. “O corpo é conhecimento, emoção, comunicação, expressão. Ou seja, o corpo somos nós e nós somos o nosso corpo. Portanto, o corpo é a nossa dança e a dança é o nosso corpo”(PCNs, 1998, p. 72). Durante esse processo de mudança na minha forma de pensar a dança, fiz alguns cursos na Vila das Artes (outro centro cultural da Prefeitura de Fortaleza) sobre anatomia, biomecânica aplicada à dança e outros mais voltados para um entendimento dos cuidados com o corpo. Era essa segurança que eu estava procurando. A Vila das Artes me chama atenção pelas políticas públicas na área das artes, destacando o curso de Formação Básica em Dança, uma formação continuada de dança voltada para crianças e adolescentes de escolas públicas, que muito admiro. Lá, realizei três semestres dos estágios supervisionados da Licenciatura em Dança.

No meu processo de formação como professora de arte/dança, nas minhas experiências de movimento como ser humano, acredito no potencial que cada pessoa tem em si, pronto para ser estimulado e desenvolvido. Na graduação, estudei conteúdos de dança que eu desejava muito conhecer e aprender, como: a investigação técnica da dança, o contato-improvisação, as relações entre dança e pensamento, os estudos do movimento, psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem na adolescência, corpo e tecnologias, dentre muitas outras abordagens que compõem o currículo do curso e que foram transformando meu pensamento e o meu mover em dança.

Aprendi a me perceber enquanto artista, com atenção aos meus processos e ao tempo necessário para construir o meu caminho. Cada passo importa, cada aula, cada texto, o processo até chegar ao final e começar outra vez, de uma outra forma, com experiências às vezes agradáveis e outras nem tanto, mas tentar tirar de tudo uma reflexão e atitude para gerar uma mudança para que as coisas funcionem melhor. A minha formação na Graduação em Dança e no Curso Técnico em Dança me permitiram ter uma boa atuação como professora no Centro Cultural Bom Jardim, onde passei a ensinar dança no ano de 2017, período que me formei no CTD.

Ao fazer um olhar retrospectivo, percebo que passei da condição de aluna para a de profissional da dança, com especial atuação na formação, por meio de

diversas formações gratuitas e de qualidade oferecidas na cidade de Fortaleza. São projetos, ações e formações continuadas que fazem parte de uma política pública para as artes nas esferas municipal - Cuca da Barra do Ceará e Vila das Artes -, estadual - CCBJ e CTD - e federal - graduação em Dança da UFC. Quero narrar essa trajetória em dança, dando atenção para os aprendizados, para as mudanças de perspectiva que tive em relação ao que é dança, o que é corpo e como pode ser um ensino em dança.

Para isso, desenvolvo uma investigação cuja abordagem é a cartografia, com foco no processo de aprendizagem em dança dos alunos do Centro Cultural Bom Jardim e partindo do interesse que tenho na área da dança, a curiosidade e o pensamento sobre a importância de cursos de formação em linguagens artísticas. Percebo a importância dessas ações voltadas para as periferias, para as comunidades economicamente desfavorecidas, que têm poucos recursos para investir na educação. Meu desejo é que essas pessoas possam ter acesso à cultura e arte, assim como eu tive essa oportunidade.

Quando olhamos de imediato não enxergamos possibilidades para conquistar e realizar os objetivos de vida. Mas, quando chega um centro cultural como o CCBJ, podemos tornar possível essa trajetória e, além de sonhar, vivenciar a arte. “É somente a favor do acontecimento, que se trabalha com a subjetivação, que se produz conhecimento, que se busca engendrar formas mais criativas de vida. E, como, então, cartografar a subjetividade?”, pergunta a autora Denise Mairesse, no texto *Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa* (MAIRESSE, 2003, p.262).

Segundo Denise Mairesse, a escuta e a investigação são importantes, assim como ter um olhar do diferente sobre algo que foi se construindo ao longo do tempo. É preciso transitar entre o tempo cronológico e o tempo do acontecimento, para possibilitar novas formas e experimentações, “construir modos mais criativos de um fazer científico” (MAIRESSE, 2003, p. 263). Para a autora, esta qualidade de envolvimento do pesquisador produz a subjetividade, trata-se de estar diante de algo que não se sabe ainda o que pode vir a ser. A cartografia, assim, é um modo de se conduzir um processo que vai se desenhando por si mesmo.

Assim, no **capítulo 1**, vou abordar meu trajeto como aluna, quando comecei a fazer aulas de dança no CCBJ. Abordo a implementação do centro cultural no Bom Jardim, suas atividades e o impacto que gera na vida dos alunos e da comunidade.

No **capítulo 2**, descrevo e analiso minhas experiências em espaços de formação artística e meus trajetos de formação em dança, assim como a importância de ter acesso a políticas públicas continuadas em dança na cidade de Fortaleza. Desta trajetória formativa fazem parte minha passagem, como aluna, do Curso Técnico em Dança do Porto Iracema das Artes e da graduação em Dança na UFC. Trato, ainda, das reverberações que essas vivências trouxeram na minha forma de ensinar, através dos componentes curriculares estudados, da participação em projetos, em viagens estudantis, nos estágios supervisionados, entre outras atividades.

No **capítulo 3**, discorro sobre os desafios encontrados no exercício da docência, quando retornei ao Centro Cultural Bom Jardim para assumir a função de professora de dança. Trato, ainda, do modo como elaboro as atividades e a metodologia de ensino de dança para as turmas de dança. Por fim, faço uma análise da reorganização e ampliação das ações de formação em dança no CCBJ, com a implementação do Curso Técnico em Dança no Bom Jardim.

2. CAPÍTULO I

SER ALUNA DE DANÇA NO CONTEXTO DE UM PÓLO CULTURAL: PERCEPÇÕES DE UMA DISCENTE NO CENTRO CULTURAL BOM JARDIM

Quando o Centro Cultural do Bom Jardim foi inaugurado, em 2006, era uma novidade para a nossa realidade na época. O Bom Jardim era muito conhecido por ser um bairro violento e isso fazia com que os moradores dessa comunidade fossem discriminados e tratados com preconceito, muito mais do que é hoje. A construção de um Centro Cultural na região periférica do Bom Jardim foi uma grande luta e conquista dos movimentos sociais que já se organizavam no bairro desde os anos 2000. Esses grupos sempre estavam buscando, com diversas manifestações, uma melhoria urgente para a comunidade e pediram por meio de um manifesto a implementação deste equipamento cultural.

De acordo com Valdeci Carvalho, morador do bairro e autor de um estudo histórico sobre essa região de Fortaleza:

As crianças, adolescentes e jovens começaram a assumir um protagonismo espantoso, criando lideranças juvenis que iniciaram trabalhos direcionados para a melhoria social da comunidade e a construção de alternativas coletivas voltadas ao combate da violência (CARVALHO, 2008, p. 11).

Para a comunidade do Bom Jardim, especialmente as pessoas que frequentam o CCBJ, acessar diversos cursos é uma chance de assegurar o que em outros lugares teriam poucas possibilidades, seja pela falta de recursos ou informação, pois grande parte da comunidade é de baixa renda. Os cursos livres abrem perspectivas profissionalizantes que, depois, geram contratações de moradores locais para compor o quadro de funcionários do próprio CCBJ. Nas publicações encontradas em revistas que falam sobre o Centro Cultural, há entrevistas com moradores do bairro nas quais diversas pessoas dizem enxergar no CCBJ sonhos e oportunidades de poder ter uma vida mais digna, mais segura do estigma do bairro e descrevem o equipamento como algo bem diferente e acessível.

No CCBJ, encontramos variados cursos de arte, tecnologia, cultura, além de ser um espaço que promove o encontro de artistas. A programação cultural oferecida faz parte da formação dos cidadãos da comunidade, mesmo para as

peças que não fazem nenhum curso, pois muitos estão lá frequentando e conhecendo o espaço, as linguagens, interagindo com outras pessoas.

Assim como descrito no livro *Escola como pólo cultural: contornos mutantes em fronteiras fixas*, de Ada Kroef, o CCBJ também funciona como um pólo cultural, alimentando e difundindo a cultura local e histórica. Isso tudo é muito importante porque é saudável, ter um local pra sair, ver um show, um espetáculo, participar de atividades, conversar com outras pessoas.

O pólo (*sic*) difusor, na medida em que sistematiza o conhecimento, passa a ter uma função de legitimador das culturas locais, dando voz e lugar aos sujeitos sociais que escapam ou resistem à cultura global. É um constituidor de posições de sujeitos e de novas identidades, através da apreensão das experiências, das histórias, das memórias e dos saberes das comunidades, do reconhecimento e do respeito às diferenças a serem transformadas em conhecimento sistematizado (KROEF, 2000, p. 60).

Ao mesmo tempo, vejo que o CCBJ vai além, atuando também como um polo catalisador de saberes, uma vez que diversos de seus processos de criação são realizados através do compartilhamento de experiências, considerando o que os alunos gostam, querem e pensam, assim como suas famílias. Sendo assim, o CCBJ não age, a meu ver, como uma instituição que apenas “leva a cultura” para a periferia, mas como um agente que catalisa, que agrega, que faz com que todos os agentes envolvidos troquem e revejam seus saberes.

O CCBJ representa para mim, como aluna, moradora do bairro do Bom Jardim e professora de dança, um polo de oportunidades, que pode mudar a realidade das pessoas que vivem nesses lugares. Nos ajuda a conhecer nossa identidade e história, criar memórias afetivas com o lugar onde crescemos. Nesse sentido, ter um espaço como o CCBJ é muito importante para a comunidade, pois ele proporciona, segundo o texto *Princípios básicos de cartografia escolar no ensino fundamental: teoria e prática*, dos autores Rodrigo Santos, Daniela Cardoso e Ronaldo Barbosa,

além do fornecimento de alternativas para trabalhar conteúdos de ensino, gerar um aluno autônomo, despertando-o para possíveis leituras do mundo a sua volta - cidade, bairro e escola - compreendendo os elementos e suas interações nesses espaços. (SANTOS; CARDOSO; BARBOSA, 2014, p. 22).

2.1 O interesse pela dança: as primeiras aulas no Bom Jardim

Iniciei minhas aulas de dança no CCBJ, um lugar que tenho um carinho imenso, que significa para mim a realização de um sonho. Cresci lá dentro. É um espaço muito significativo nas minhas experiências com a dança. Eu tinha entre 12 e 13 anos na abertura desse espaço cultural, lembro que teve uma grande festa de inauguração promovida pelo Governo do Estado do Ceará, com a presença dos representantes políticos da época e a divulgação dos vários cursos que seriam ofertados gratuitamente.

Quando o Governo do Estado construiu o Centro Cultural Bom Jardim, muita gente nem sabia o que ele era ou para que servia. Foi a curiosidade que atraiu grande parte da comunidade. A notícia chegou como chega qualquer outra notícia espalhada de um ouvido para o outro nos bairros de periferia das grandes cidades, onde as calçadas ainda guardam cadeiras no final da tarde. Ainda bem. Foi dentro do equipamento que meninos e meninas viraram artistas, técnicos, professores, cidadãos (JARDIM DE GENTE, 2009, p. 20).

Fui aluna regular do Centro Cultural entre 2010 e 2016, estudando dança, nos gêneros hip hop e balé. Eu tinha 15 anos quando comecei a fazer o curso de dança no CCBJ, tinha tentado desde que abriu, mas sempre esgotavam rápido as vagas, pois todo mundo procurava. Quando comecei a ter aulas de hip hop foi interessante, para mim, saber que estava tendo uma oportunidade. Embora eu quisesse mesmo o balé, sabia que já era uma conquista e que mais na frente eu conseguiria realizar outros objetivos. Assim eu pensava na época.



Foto 1. Apresentação do espetáculo de hip hop *Calle*, no Teatro Marcus Miranda

do CCBJ, no mês de dezembro de 2012. Acervo pessoal.



Foto 2. Apresentação do espetáculo *Acunha Menino*, na praça do bairro Santa Cecília, em 2014. Acervo pessoal.

Foi bom fazer amigos no bairro, ter uma atividade pra fazer. Com o tempo eu fui percebendo que o amor pela dança não era algo que acabaria e fui buscando mais, pois me sentia melhor em relação à saúde, física e mentalmente, pois tinha um lugar no qual eu poderia descobrir sobre minha personalidade, o que gostaria que mudasse de acordo com o que eu via, tal como a falta do dinheiro e o impacto negativo na vida das pessoas, todo aquele estigma do bairro em que eu morava. Foi lá que me senti ganhar autonomia, responsabilidade com os estudos e com um objetivo, que era dançar. Conheci a mim mesma, meu bairro, olhei para minha situação social, que até então eu não tinha ideia dos porquês das diferenças socioeconômicas e o impacto que causa na vida das pessoas.

Aprendi sobre ritmo, agilidade, força, expressão e me sentia mais forte. A cada aula e apresentação de dança eu superava minha timidez, medo de ser julgada e me realizava, sentia dor em cada músculo que nem sabia que existia, ficava entusiasmada para mais um dia de aula. Aprendi a revelar minhas emoções com o movimento e foi essencial. Quando olho para esta oportunidade me sinto grata. Aprendi sobre a prática, sobre cooperação, sobre trabalhar em grupo, sobre conseguir me resolver sozinha. A emoção de dançar para muitas pessoas é indescritível, o tamanho do nervosismo que sentimos e mesmo assim simplesmente conseguir, isso te faz querer continuar e fazer sempre melhor.



Foto 3. Apresentação do espetáculo de hip hop *Love Dance*, no Teatro Marcus Miranda do CCBJ, em 2011. Acervo pessoal.

2.2 Entendendo o projeto cultural do CCBJ para o Bom Jardim

É importante a existência de um Centro Cultural na Periferia do Grande Bom Jardim, com oportunidades de formação e continuação em cursos de dança. Diante do modo como o CCBJ foi implantado e das mudanças que ali acontecem na vida de cada um, percebo que atitudes geram consequências e que tudo o que se passa não é sobre a gente exatamente, são fatos e desdobramentos sobre a história e onde nela estamos inseridos, podendo perceber qual o nosso ponto de partida, qual a nossa realidade. A nossa história, a história de muitos, movem um trabalho artístico que reelabora a relação das pessoas com o local onde vivem. As atividades propostas pelo CCBJ emergem de uma prática e é algo que deve ter continuidade para que suas ações pedagógicas sejam efetivadas num plano cotidiano.

Com o Curso Técnico em Dança (CTD) implementado em 2019 no CCBJ, como primeira ação de descentralização de um curso desse porte na capital cearense, a dança no Bom Jardim ganha um novo olhar, com mais seriedade, apresentando chances para o desenvolvimento de potenciais artistas do nosso bairro. Antes só havia um curso técnico em dança na cidade, no Porto Iracema das Artes e a distância do Bom Jardim para o Centro era uma das dificuldades para quem estava buscando essa formação. O CTD representa força, luta e

oportunidades, além de ampliar a perspectiva formativa profissional em dança no próprio bairro, para além dos cursos livres.

3. CAPÍTULO II

EXPERIÊNCIAS E TRAJETOS: FORMAÇÃO EM DANÇA COMO PARTE DO ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS CONTINUADAS

Desde muito cedo eu queria aprender a dançar, mas no meu bairro não havia muitas iniciativas públicas para o ensino de dança. Na minha família quando criança, meu pai trabalhava ganhando menos de um salário mínimo e por vezes ficou desempregado, minha mãe não chegou a concluir o ensino fundamental e trabalhava em casas de família fazendo faxina. Eles se desdobravam para sustentar a mim e a minha irmã. A prioridade sempre foi a nossa escola. Concluímos o ensino fundamental em escola particular no próprio Bom Jardim. Sempre fomos muito incentivadas a estudar. Algumas vezes meus pais procuraram aulas de dança para me colocar, mas por ser pago, não foi possível. Foi então que, com 10 anos, minha mãe me matriculou no projeto ABC, um projeto social, com o objetivo de educar por meio da arte.

Estando no ABC no curso de teatro, comecei a passear por lugares da cidade. Foi então que tive meu primeiro contato com os teatros e apresentações artísticas. Quando o CCBJ foi inaugurado eu estava perto dos 13 anos e me apresentei lá, algumas vezes, pelo Projeto ABC. Participei do projeto, no curso de teatro até os 13 anos e então me matriculei em outros cursos, de informática, danças populares e jazz. Somente depois, em 2010, me matriculei no curso de dança de rua. Era muito difícil conseguir uma vaga nesses projetos, a procura era muito grande.

Fiz minha transição do ABC para o Centro Cultural Bom Jardim e, em 2013, já maior de idade, procurei cursos no CUCA da Barra do Ceará, equipamento da Prefeitura de Fortaleza. Lá fiz curso de acrobacia aérea – tecido, alongamento, jazz, dança contemporânea, participei do edital para monitores e logo após comecei trabalhar como auxiliar de atendimento. O bairro Barra do Ceará é bem distante do Bom Jardim. Eu levava mais de uma hora pra chegar lá, mas era onde tinha maior variedade de cursos gratuitos.

Em 2015, fui classificada para a 5ª turma do curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA|UFC), universidade pública, onde tive a oportunidade de dar continuidade aos meus

estudos, desta vez numa trilha de profissionalização e não mais como cursos livres. Em 2016, fui classificada para 5ª turma do Curso Técnico em Dança (CTD), do Porto Iracema da Artes, equipamento do governo estadual, distante mais de uma hora do Bom Jardim, indo de ônibus.

Nesse sentido, percebendo meu trajeto, acho interessante o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, onde o ambientalista e líder indígena Ailton Krenak diz: “É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2019, p. 27). É assim que tenho percebido meu caminho na formação em dança.

3.1 Profissionalização: graduação em Dança

Ter a oportunidade de cursar a graduação em dança, de colocar em prática os conteúdos estudados, a imersão na história, a concentração dos laboratórios de pesquisa corporal, o suporte técnico dos professores, o constante questionamento sobre o que estamos fazendo com aquilo que temos, o que queremos mudar, o que queremos mostrar, o espaço que queremos ocupar, como habitar, como dialogar, o sentido das ações e todo esse movimento constrói esse espaço do fazer arte.

Compreendo e acredito que nunca devemos parar de estudar, porque a dança, como profissão, implica em ter desejo de conhecimento e consciência de que há sempre mais para aprender e/ou reaprender e compartilhar. Antes me enxergava somente como dançarina e queria muito me desenvolver artisticamente. Tinha necessidade de me movimentar, estudar a técnica, investigar o meu corpo, minhas possibilidades e buscar melhorar em amplitude, consumir o espaço, preencher, ser notada. Quando comecei a dar aulas de dança, percebi que para estar em um lugar onde você pode afetar muitas pessoas com as suas atitudes, é necessário ter muita responsabilidade com a forma de compartilhar o conhecimento.

Nesse sentido, concordo com a afirmação de Isabel Marques, quando ela fala que o “artista e professor têm funções sociais distintas e, por consequência, merecem formações diferenciadas” (MARQUES, 2011, p. 64). As intenções e a maneira de enxergar a dança mudam, trata-se de entender como educar, como explicar da melhor forma, como se preparar para dar conta desse processo de ensino-aprendizagem.

No início, antes de entrar no curso de Licenciatura em Dança, sentia falta de referencial teórico para entender e dar sentido às minhas práticas, para além de mim e também sobre mim. A Licenciatura em Dança me trouxe esse suporte, de investigar o que eu faço, definir os meus objetivos e quais as formas possíveis de realizá-los. Na graduação participei de projetos de pesquisa e docência como bolsista, da Mostra ICA, de encontros universitários como o Encontro Nacional dos Estudantes de Artes (ENEARTE) onde, por dois anos consecutivos, apresentei trabalhos desenvolvidos em disciplinas do curso - em 2017, em Salvador, com o trabalho intitulado *TEMPO*, resultado da disciplina Dança e Investigação Técnica: Memória e em 2018, em Belém, com o trabalho intitulado *Terra e o que dela floresce*, resultado da disciplina Estudo de Poéticas Populares. Foram experiências de formação enquanto artista muito significativas no meu percurso.



Foto 4. Apresentação do trabalho *Tempo: Afetos com memórias*, na II Mostra ICA, UFC, em 2016. Acervo pessoal.



Foto 5. Apresentação do trabalho *Tempo: Afetos com memórias*, na IV Mostra ICA, UFC, em 2017. Acervo pessoal.



Foto 6. Apresentação do trabalho *Tempo: Afetos com memórias*, na IV Mostra ICA, UFC, em 2017. Acervo pessoal.

Aprendi a dialogar com as pessoas, o que é extremamente importante, principalmente em uma sala de aula, onde todos querem e merecem atenção. É algo que não pode ser dado por afinidade. É necessário compreender o clima de uma sala de aula, construir afetos, trabalhar em grupo, com o grupo, criar um trabalho coletivo. É preciso perceber a hora de ir com calma, ou de seguir em frente, desenvolver a sensibilidade, saber que o(a) professor(a) não está ali para mandar, mas para acolher e estabelecer uma relação de confiança. Afinal, o “professor de arte abarca um tipo de consciência distinta em relação ao do artista e, portanto, não basta ser artista para ser professor” (MARQUES, 2011, p. 64).

Precisamos nos preparar para tudo aquilo que desejamos fazer, algo contínuo, estar sempre praticando. Precisamos ter referências, passar por experiências, mudar os caminhos, mergulhar na criação, na leitura e até nas dúvidas, nos questionamentos, para chegar a atuar como professor. Faz-se necessário ter maturidade para compartilhar um conteúdo e articular seu desenvolvimento.

Minha compreensão se desenvolve melhor enquanto eu explico e procuro formas de articular determinado assunto. Percebi uma mudança no meu comportamento, na minha forma de pensar, de me colocar no lugar dos outros e tentar compreender sem julgar. Antes de tudo, tentar sempre respeitar as diferenças e estabelecer um lugar seguro em que todos se sintam confiantes e capazes de produzir conhecimento. Nesse percurso se torna interessante perceber que “a diferença torna-se uma fenda, uma abertura, uma zona de ruptura teórica que adquire direções e orientações variadas, as quais se desdobram em inúmeros conceitos para apreender questões contemporâneas”, como diz a professora de filosofia Ada Kroef (2000, p. 33).

Ser professor é uma atualização constante de pensamentos sobre o que funciona ou não funciona em uma sala de aula, é mudar o plano de aula quando necessário, é estar atento às dificuldades da turma e não deixar ninguém de fora “para que o espaço do ensino de dança não seja uma forma de escapar do mundo, mas um lugar para entendê-lo e para entendermos a nós mesmos” (MARQUES, 2011, p. 102).

3.2 Curso Técnico em Dança

Ser aluna do CTD também foi um passo importante na minha formação. Fazer um curso técnico juntamente com a graduação foi um tanto quanto intenso e exigiu muito de mim, fisicamente. Mas consegui correlacionar os dois cursos e perceber a diferença entre a formação de um curso técnico e de uma graduação, que um não substitui o outro e tem objetivos distintos. O curso técnico me despertou um olhar sobre os processos de criação em dança, politicamente, sobre resistência! Com diz o pesquisador em artes Gilberto Icle,

Criar não é outra coisa senão inventar um modo de produzir concretamente ideias e sentimentos; sensações e inquietudes –

ocorre que nesse processo não se inventa apenas o que se quer dizer ou expressar, mas, também, a forma por intermédio da qual isso toma lugar no mundo (ICLE, 2012, p. 12).

Tive um ganho técnico muito relevante durante os dois anos no CTD, mesmo com a lesão que sofri na coluna cervical em 2016, que me fez, por um tempo, pensar que a dança não era mais o meu lugar, que não seria mais como eu sonhava. Sei que o conhecimento que vivenciei no curso me levaram a compor e trilhar os caminhos na dança que faço hoje. Acredito ter desenvolvido uma consciência corporal mais ativa e ter descoberto meios e iniciações de movimento que talvez eu não encontrasse antes.



Foto 7. Aula da Técnica Alexander, ministrada por Georgia Dias, CTD, em 2017. Acervo pessoal.



Foto 8. Aula de técnica clássica, ministrada por Wilemara Barros, em frente ao Theatro José de Alencar, em 2017. Acervo pessoal.

No CTD temos aulas de diferentes estilos de dança e acredito que não é sobre se tornar habilitada em todos eles, mas está disponível para conhecer outras formas de ver a dança além do que se está habituado, se relacionar com culturas e histórias que não apenas a sua. Ampliar o olhar sobre a arte e nos fortalecer enquanto artistas. Profissionalmente atuamos desenvolvendo práticas e técnicas de criação em dança, que por característica podem ser em contato com outras linguagens artísticas, adquirimos uma facilidade para a improvisação e composições coreográficas, devido a nossa formação. Ao meu ver o curso técnico tem por objetivo a criação em dança enquanto a graduação tem esse mesmo viés, porém nos ensina como direcionar a nossa atuação para a docência em dança, bem como a pesquisa e a produção de saberes.

3.3 PIBID-Dança

Quando ingressei na universidade, em 2015, na 5º turma, no curso de Licenciatura em Dança, me inscrevi, logo nos primeiros dias de faculdade, para concorrer a uma bolsa como monitora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ao entrar no ICA, me senti muito acolhida pelos demais alunos das turmas anteriores e pelos professores, fui orientada sobre os projetos e prazos, então consegui me inscrever e felizmente fui selecionada.

Logo nos primeiros meses no PIBID-Dança, participei de um intercâmbio junto à Universidade Estadual Paulista (UNESP), coordenado pelo PIBID/UFC, Teatro e Dança, na cidade de São Paulo (SP). Foi a minha primeira experiência viajando para outro estado. Fomos de ônibus, levamos 3 dias para chegar lá, eu senti uma mistura de sentimentos, fiquei tensa, nervosa, ansiosa, senti medo, algumas vezes, pelo momento em que estava, de muitas novidades, informações e pessoas diferentes para conhecer.

Acredito que essa experiência de sair do lugar onde moro e trabalho, para perceber o modo como essa mesma atividade acontece em outros lugares e suas implicações me fazem estar em uma constante atualização sobre minhas metodologias. Por isso acho tão importante viagens para estudar com profissionais de outras cidades/ países, com culturas diferentes. Essa busca nos tira do nosso

lugar comum, de sempre fazer a mesma coisa, de ficar na comodidade e então questionar a importância das nossas ações.

Me senti muito feliz por todas as mudanças que a graduação me proporcionou. Ao entrar na faculdade saí do meu emprego, para dar conta de um curso em período integral. Assim, ao integrar o grupo de monitores do PIBID-Dança me senti amparada para poder estudar. A felicidade nessa conquista me fez enxergar possibilidades em me profissionalizar no que eu queria.

Como monitora, trabalhei, desenvolvi atividades nas escolas César Cals e Estado do Paraná, respectivamente nos bairros Farias Brito e Bom Futuro, de Fortaleza. Em grupos, planejamos intervenções artísticas e políticas para movimentar os alunos e os funcionários. Além das oficinas de dança, desenvolvemos ações em diferentes espaços da escola, com apresentações dos bolsistas, dos alunos, com vídeos, cartazes e participações na semana cultural, como jurados e/ou coreógrafos.



Foto 9. Marcha do Dia da Independência, em 2017. Acervo pessoal.



Foto 10. Reunião dos bolsistas do PIBID-Dança, atividade de planejamento de aulas, em 2017. Acervo pessoal.

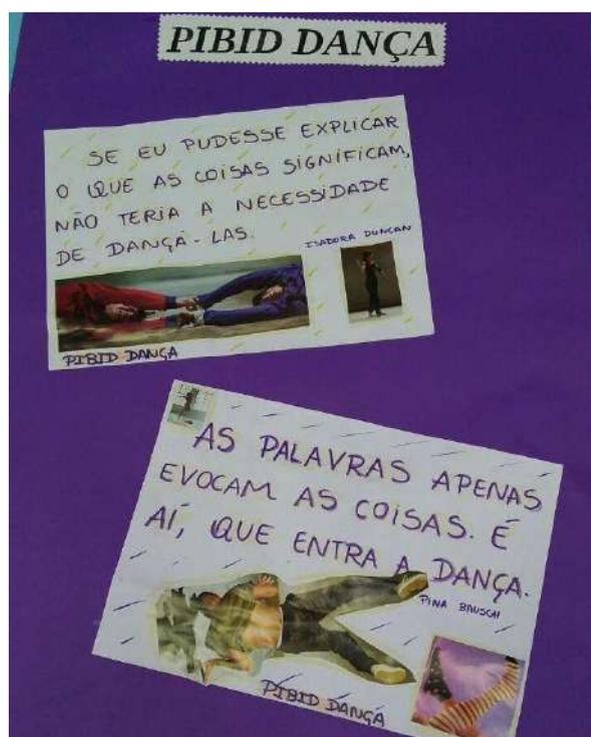


Foto 11. Cartaz para o mural da Escola César Cals, atividade do PIBID-Dança, em 2016. Acervo pessoal.

Nas reuniões semanais do PIBID-Dança, com a coordenadora Rosa Primo, nós estudamos textos e debatemos metodologias de ensino. Era também um momento de troca de experiências e sugestões dos colegas para desenvolver novas ações a partir das ideias que surgissem no grupo. Permaneci no PIBID até o início de 2018, quando o projeto, como ele era aplicado, finalizou por questões políticas governamentais relacionadas à concessão de bolsas e ao caráter do projeto. Mais tarde o PIBID lançou um novo edital em um formato diferenciado.

3.4 Estágios supervisionados

O primeiro estágio curricular supervisionado da Licenciatura em Dança que realizei foi o *Estágio: Contextualizações*, ministrado pela Profa. Ms. Rosa Ana Fernandes Fernandes de Lima, em 2017.2, no período de 17 de abril a 16 de junho. Acompanhei as aulas da Escola Pública de Dança da Vila das Artes, especificamente aquelas ministradas no Curso de Formação Básica em Dança, direcionada a crianças a partir de 8 anos de idade, com uma duração de 6 anos. Seu

currículo compreende conteúdos técnicos, artísticos e teóricos relativos à dança cênica, dividindo-os em dois ciclos, básico e intermediário, com três anos de duração cada. Durante esta formação, os alunos estudam Dança Contemporânea, Dança Clássica, Danças Tradicionais e Populares, Ateliê de Repertórios, Elementos da Música, Ateliê de Experimentação e Composição, Ateliê de Análise e Estudo de Obras Coreográficas, Introdução à História da Dança e Introdução à Análise do Movimento.

Acompanhei as aulas da professora Dandara Mattos de Balé Clássico e Silvana Marques de Dança Contemporânea com as turmas do 2° e 4° ano, no turno da tarde, entre 14h e 18h30, nas segundas e quartas-feiras. A faixa etária dos alunos do 2° ano é entre 8 e 9 anos e os do 4° ano entre 12 e 15 anos.

Por meio do acompanhamento que fiz durante todo meu estágio, vi que as crianças desenvolvem um discurso sobre o corpo e sobre a dança desde o princípio do aprendizado e são estimuladas à criação e à percepção crítica daquilo que estão fazendo. Durante todas as aulas que acompanhei nunca vi as professoras ensinarem os alunos a chegarem a um único ideal, mas a se desenvolverem a partir do que eles são, valorizando a identidade e personalidade de cada um. Os alunos mantêm aulas regulares de Balé Clássico, porém não está posto que serão bailarinos clássicos. Pode-se notar que o balé funciona como parte conjunta de todo um programa de formação em dança e não um objetivo único e final, pois os valores são bem distribuídos.

As aulas que propus para o 2° e 4° ano foram pensadas a partir da minha experiência com o ensino em/de dança na Universidade e também percebendo o conteúdo que estava sendo trabalhado com os alunos no período do estágio. Todas as proposições foram bem recebidas pelos os alunos e tiveram ótimo aproveitamento. Tive uma experiência rica com a turma infantil, cuja faixa etária ainda não tinha nenhuma experiência em ensinar. Aprendi a dialogar com elas e no decorrer de cada aula fui me adaptando.



Foto 12. Aula de balé clássico, ministrada por Dandara Mattos, na Vila das Artes, em 2017. Acervo pessoal.

Em seguida realizei o estágio curricular supervisionado *Estágio: Aproximações*, ministrado pela Profa. Ms. Marise Léo, em 2018.1, no período de 10 de maio a 14 de junho, nas terças no turno da noite, no horário de 18h às 20h, e nas quintas no turno da manhã e da tarde, nos horários de 8h às 11h e 14h às 17h. As atividades de estágio são uma oportunidade e experiência importante no curso de Licenciatura em Dança, pois nele aprendemos, na prática, como é o dia a dia no ensino de artes. O componente curricular *Estágio: Aproximações* apresenta ao estudante do curso de dança “estagiário” a realidade do ensino em uma instituição com finalidades educacionais, bem como as dificuldades, as potencialidades, os objetivos, o que é possível e o que não é possível realizar.

Acompanhei as aulas de Dança Contemporânea da professora Gizele Patrício no período da manhã, com as turmas de 2º e 3º ano; as aulas de Dança Contemporânea da professora Alda Pessoa e de Dança Clássica com a professora Dandara Mattos, no período da tarde, com as turmas 1º ano; de Dança Clássica com a professora Dandara Mattos e de Dança Contemporânea com a professora Dayana Ferreira, no período da noite, com as turmas de 4º ano. Os professores da Escola Pública de Dança da Vila das Artes trabalham com planos de aula, anuais e mensais, os materiais necessários para as aulas e espetáculos, como cabos de vassoura, espaguete, tampas de garrafa, bonecas, buquê de flores, corda, elástico entre outros, todos disponibilizados pela escola. Em ambas as turmas mencionadas acima, acompanhei aulas e ensaios de trabalhos que foram apresentados no Teatro

do Cuca Mondubim. As apresentações fizeram parte do encerramento do semestre de aulas do curso.



Foto 13. Ensaio do espetáculo de encerramento das atividades do primeiro semestre de 2018, dirigido por Dandara Mattos, Vila das Artes. Acervo pessoal.

Nas aulas de dança contemporânea que observei, as professoras trabalhavam rolamentos, chão, espirais, cambalhotas e com os alunos mais novos foram trabalhados, muitas vezes, exercícios lúdicos e dinâmicas em grupo, sempre estimulando o descobrimento do corpo, das possibilidades de mover e a percepção corporal e do espaço. Em uma das aulas a professora Alda Pessoa levou o DVD do Espetáculo *Alegria, Alegria*, montado em 2013, trabalho da Escola, para os alunos do 1º ano assistirem, cuja direção e dramaturgia são de Andréia Pires, que também foi minha professora na graduação, no primeiro semestre, e com quem desenvolvemos o espetáculo *SALVE!*.

Nas aulas de Dança Clássica, os alunos de 1º ano estudaram barra solo, correção postural, tempo musical, alongamento individual e em grupo. Estudaram a técnica na barra, algumas vezes tiveram aulas com brincadeiras, como *Escravos de Jó*, na qual o objetivo era a cada salto esticar as pontas dos pés. Acompanhei uma aula de História da Dança com a professora Ângela Souza, que substituiu a professora Alda Pessoa em uma aula com os alunos do 1º ano. Na aula, ela levou slides com o questionamento “Dança ou Danças?”. Com imagens de várias culturas na dança europeia, instigou os alunos a reconhecerem quais eram as danças, os movimentos e a época que passavam pela história. Eles fizeram associações com o

conteúdo que estudam na escola formal, falaram sobre a dança primitiva, as formas de expressão por meio da dança, as diferentes formas de dançar, diferentes culturas como o Hip Hop e a capoeira e de diversos lugares, como a dança na Índia, na França e outros.

Nos últimos dias de estágio, também acompanhei a seleção para a remontagem do espetáculo *Lança*, dançado em 2017 pela turma do sexto ano. Houve uma audição realizada com alunos e ex-alunos da Escola e alunos do Curso Técnico em Dança do Porto Iracema das Artes. Com 49 inscritos, 35 dos inscritos presentes concorreram a 25 vagas. A remontagem faz parte da ação Trajetos Encena, uma Iniciativa de formação e aperfeiçoamento. Na banca estavam, Silvana Marques, professora da Escola, Marina Carleial, coordenadora da Escola, e Ernesto Gadelha, ex-coordenador da Escola.

No meu último dia, concluindo esse estágio, por coincidência também foi o último dia de aula do semestre, participei de uma festinha junina de encerramento organizada pelas mães de uma das turmas, composta apenas por meninas. Elas levaram comidas típicas e foram vestidas com roupas de festa junina. As alunas, ao final da aula de Dança Clássica, se vestiram também com roupas de festa junina. A professora Daiana Ferreira colocou músicas bem agitadas e todos dançaram e brincaram juntos. Foi um dos muitos momentos agradáveis.

Meu terceiro estágio curricular supervisionado foi o *Estágio: Articulações*, ministrado pela Profa. Ms. Marise Léo, em 2018.2, cuja proposta de participação foi pensada junto com a coordenadora do Vila das Artes, Marina Carleial. Planejamos realizar um curso para as mães e pais dos alunos do curso de formação básica em dança, que durante as aulas dos seus filhos ficavam esperando, com tempo livre para participar de atividades que fossem interessantes e que as agregassem. O estágio foi realizado de setembro a novembro de 2018, nas quintas-feiras, no período da manhã, no horário de 8h30 às 11h e sextas-feiras, no período da tarde, no horário de 14h às 15h30.

Facilitei aulas de alongamento e consciência corporal para as mães e pais dos alunos do Vila das Artes. Foi uma experiência completamente nova para mim, riquíssima. Dei aulas para duas turmas, uma na quinta-feira de manhã e a outra na sexta-feira à tarde, com uma média de 10 alunos. As aulas começavam com uma

prática, onde eu explicava o exercício, fazendo junto com eles e, no final da aula, sempre deixava uns 20 minutos para que conversássemos sobre as sensações e dúvidas, para que compartilhássemos nossas experiências. Um diálogo que se tornou indispensável. Nas aulas fui trabalhando com eles a respiração, como movimentar-se sem sobrecarregar o corpo, trabalhamos força, equilíbrio, apoios e dançamos muito também. Trabalhamos bastante o pensar sobre aquilo que estávamos fazendo, criando imagens corporais e reconhecendo o corpo. Aos poucos fomos criando conexões com os movimentos, com as aulas e a turma ficou mais à vontade para experimentar e expor suas questões.



Foto 14. Aula de consciência corporal para mães e pais de alunos da Escola Pública de Dança, da Vila das Artes, como atividade do componente curricular Estágio: Articulações, da graduação em Dança/UFC, 2018. Acervo pessoal.



Foto 15. Aula de consciência corporal para mães e pais de alunos da Escola Pública de Dança, da Vila das Artes, como atividade do componente curricular Estágio: Articulações, da graduação em Dança/UFC, 2018. Acervo pessoal.

Considero esse estágio como um dos mais importantes, pois poder ensinar o que estudo para pessoas com mais experiências de vida que eu, ser ouvida, respeitada pelo meu trabalho, poder dialogar com pessoas mais velhas com a vida já estabelecida, foi incrível demais para mim, uma experiência única e a primeira nesse contexto também.

A experiência dos três estágios realizados na Escola de Dança da Vila das Artes me fez mais do que observar e refletir entre e durante as aulas sobre o exercício da docência, pois é lá que algumas crianças começam a desenvolver suas habilidades artísticas e a se preparar profissionalmente. Refleti sobre o quanto é importante valorizar e cuidar da educação, pautando o respeito e horizontalidade que vi claramente no comportamento dos professores com os alunos. O exercício da docência é algo delicado, não há nada de fácil e simples, percebendo isso, reconheço ainda mais o valor de uma graduação de Licenciatura em Dança.

Quanto a continuidade da vida artística e profissional desses alunos, encontrei conexão entre o que está sendo feito na Vila das Artes, no Curso Técnico em Dança e na Graduação em Dança da UFC. Eles têm a oportunidade de construir um caminho formativo e profissional de ótima qualidade em instituições totalmente gratuitas, na cidade de Fortaleza.

Meu último estágio curricular supervisionado foi o *Estágio; Proposições*, ministrado pela Profa. Ms. Rosa Ana Fernandes Fernandes de Lima. Este realizei no Projeto ABC, no Bom Jardim, em 2018.2, durante todas segundas e quartas-feiras, no período da manhã e tarde, de setembro a outubro. Dei aulas de dança para crianças e adolescentes, de 6 a 17 anos, matriculadas na atividade e acompanhei as aulas da professora Ellen Neres, professora de dança jazz e cultura popular. Lá, alunos de diferentes faixas etárias compartilham a mesma sala durante as atividades, pois não há separação por idade. A primeira aula começa às 7h da manhã, o lanche é às 9h e, então, os alunos são liberados para fazerem as atividades no circo, o que complementa o horário deles no projeto. No período da tarde, as atividades começam às 13h, o lanche é liberado às 15h e, logo após, todos retornam às atividades.

Depois de 6 anos após ter saído do Projeto ABC, como aluna, e voltar como estagiária foi muito significativo pra mim. Perceber o trabalho realizado por este lugar e pelos profissionais desse lugar sob outra perspectiva me encantou os olhos e o coração, mas que também me ensinou muito sobre a realidade de um projeto social e a importância dele existir e seguir acontecendo.



Foto 16. Encerramento das aulas no Projeto ABC, como parte das atividades do componente curricular Estágio Proposições, da graduação em Dança/UFC, 2018. Acervo pessoal.

4. CAPÍTULO III

UM RETORNO AO CCBJ: DE ALUNA À PROFESSORA

Eu nunca havia pensado em ser professora do CCBJ. Mas, quando abriu a seleção, pensei que era meu dever participar, pois estava estudando dança dentro e fora do bairro, desde muito nova, e estar presente em espaços e movimentos que envolviam essa linguagem era uma obrigação e interesse da minha parte. Não me considero competitiva, mas sempre gostei de ser avaliada e acreditei, naquele momento, que esse era o tipo de avaliação que eu precisava passar. Foi muito desafiador, mas eu me preparei na graduação em Dança para esse tipo de seleção e busquei tudo que envolvia essa área de conhecimento. Além disso, por ter aprendido dança no CCBJ, pensei que seria uma oportunidade de retribuir.

Eu tinha como referência e exemplo a bailarina e professora Silvana Marques, de quem fui sua aluna no CCBJ, entre 2014 à 2016. Assim como ela também é do bairro e se estabeleceu profissionalmente na dança, eu também poderia inspirar os meus alunos e ser exemplo para eles e para outras pessoas. A Silvana Marques foi aluna do projeto social Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente (Edisca), logo depois se formou no Curso Técnico em Dança (CTD), se graduou em Educação Física, trabalhou como professora de dança no CCBJ e, atualmente, ensina na Escola de Formação Básica em Dança do Vila das Artes.



Foto 17. Apresentação do espetáculo *BJ Dança Rosas*, remontagem da obra *Rosas Danst Rosas*, da coreógrafa belga Anne Teresa de Keersmaeker, dirigido por Silvana Marques, com alunas do CCBJ, em 2016. Acervo pessoal.

Tornei-me professora no CCBJ em novembro de 2017, ao passar por uma seleção, na qual era exigido nível superior em Educação Física ou Dança ou, ainda, formação no Curso Técnico em Dança (CTD), concluído ou em andamento. Eu tinha acabado de concluir o CTD, no Porto Iracema das Artes, e estava no 6º semestre da graduação em Dança. Era necessário passar por uma prova escrita, uma redação, depois, na segunda fase, uma entrevista e, na terceira fase, ministrar uma aula prática para os alunos de duas turmas diferentes, uma de crianças e outra de adolescentes.

Na mesma época, na graduação, estava cursando a disciplina *Abordagens do ensino em dança*, ministrada pela Profa. Dra. Emyle Daltro, na qual tínhamos que preparar um plano de aula com duração entre 15 e 20 minutos, para a avaliação final. Ao longo da disciplina conversávamos muito sobre como chegar em uma sala de aula, como perceber os alunos, se era ensino formal ou não formal, além das constantes observações da professora sobre nossos trabalhos, planos de aula e aulas que ministramos. Essa disciplina foi decisiva para que eu participasse da seleção, pois fez com que eu me preparasse e me sentisse confiante em estar apta a me tornar professora do CCBJ.

4.1 Diante dos alunos: desafios de ensinar dança

Atualmente, sou professora de dança contemporânea do Curso Básico de Longa Duração em Dança do CCBJ. Pesquisei e tenho interesse também nas danças moderna, urbanas e de técnica clássica, vertentes que atravessam minha formação, minhas criações e pesquisas corporais. Foram danças em que passei mais tempo praticando e estudando ao longo do meu desenvolvimento. Conheci e tive contato com essas danças no CCBJ, quando ainda era adolescente, e são os estilos que mais me interessaram.

Ensino oito turmas, quatro delas de crianças entre 5 e 9 anos; três turmas de adolescentes, entre 10 à 14 anos; e uma turma com adolescentes com mais de 14 anos. São 20 vagas em cada turma. A carga horária no curso básico em dança aumenta de acordo com a idade: duas horas por semana para as turmas entre 5 e 6 anos, três horas semanais para alunos de 7 a 9 anos e de 10 à 14 anos e 4 horas

por semana para alunos com mais de 14 anos. Recebemos alunos com e sem experiência, em todas as turmas, geralmente as inscrições acontecem duas vezes por ano, no início e no meio do ano. Os planos de aula são feitos mensalmente, junto com os relatórios.

Ao ingressarem no curso básico em dança os alunos começam a estudar sobre o corpo, a trabalhar a percepção, o pensamento e a criatividade, em exercícios onde trabalham individualmente e em contato com o outro. Eles são solicitados, durante as atividades, de acordo com o programa de dança do CCBJ, a estarem atentos, a olhar, observar, criar diálogo com os seus colegas de turma sobre suas descobertas a partir das experiências em dança vivenciadas nas aulas, suas percepções e questionamentos e/ou observações, sensações e/ou mudanças físicas. Aos poucos, com a prática, eles vão criando vínculos com a arte, força muscular para dançar e explorar as possibilidades no seu percurso individual, sem desprezar os próprios limites físicos e nem os dos outros.

Há alunos que chegam bastante tímidos, mas com o caminhar das aulas e a interação com o grupo, começam a desenvolver formas de expandir seus movimentos, muitos criam laços com a dança, fazem amigos, se sentem parte do lugar, colaboram e constroem juntos. Com isso, se sentem motivados a desenvolverem a criatividade e o estado de presença na dança. É um processo que acontece mais rápido com uns e pode levar mais tempo com outros. É um exercício contínuo de construir sentidos, identificar, diferenciar e questionar, pois juntos modificam esses movimentos e estabelecem relações de cooperação e confiança.

Aos poucos, vamos criando pequenos acordos de respeito: não alterar a voz com ninguém, respirar em um momento de estresse, respeitar o lugar do outro e o seu próprio lugar, falar o que sente com o objetivo de construir um ambiente mais agradável, escutar e pensar sobre o que o outro falou. São acordos que se constroem junto com os alunos, na convivência, durante as situações que vão surgindo na aula, nas pequenas distrações, conflitos, desentendimentos, durante trabalhos em grupo, nos quais podemos perceber, de forma mais ampliada, as diferenças. Esses acordos são propostos primeiro por mim (professora) e eles podem aceitar ou não. Mas, como os alunos querem se sentir bem na sala de aula, então raramente os problemas não se resolvem.

Nem sempre é simples, requer a colaboração de todos, porém os alunos são constantemente estimulados a desenvolver a tolerância e a empatia com o outro e a perceber que eles também constroem o espaço e que suas atitudes são fundamentais para as mudanças que desejam. Quando estou em sala de aula, a dança não está desarticulada de todo um contexto apresentado pelos alunos, desde o sentir-se bem, se relacionarem entre si e comigo, conhecerem o próprio corpo e suas potencialidades e poderem trazer sua realidade cotidiana para a aula. Embora o aspecto central de uma sala de aula no CCBJ seja a dança em si, seus conteúdos, não há como ignorar a realidade dos alunos, envolvida algumas vezes por violência, conflitos familiares, necessidade de atenção, entre outras questões que afetam a sensibilidade e a subjetividade de cada aluno, sobretudo entre adolescentes. Questões mais evidentes em periferias, onde é mais visível o descaso do poder público com a educação, os níveis maiores de desemprego e violência.

Alguns alunos permanecem no curso, criando uma trajetória em dança, outros saem e voltam no decorrer dos meses e dos anos e outros abandonam ou saem de vez. Acredito que a maior dificuldade seja ensinar alunos, com e sem experiência, juntos na mesma turma. Porém, em contrapartida, temos a evasão, que não permite chegar ao final do ano, ou no ano seguinte, com a mesma turma do início do ano, o que faz com que a turma se modifique bastante. Tento adequar os exercícios para que todos possam acompanhar e se desenvolver na aula. Durante o ano também fazemos apresentações em eventos do próprio Centro Cultural: Dia da Dança, Dia das Mães, evento sobre os direitos da criança e do adolescente, Dia das Crianças, entre outras programações. Ao final do ano, temos a culminância de todos os cursos, com apresentações diversas, chamado de Mostra das Artes, no qual temos que apresentar um trabalho de acordo com o que trabalhamos nas aulas, durante o ano todo.

O que considero importante é observar quem são os alunos que entram no CCBJ, como permanecem e como saem. Qual o impacto do trajeto em dança na vida deles? Como essa formação em arte e cultura acontece, com eles, com suas famílias? Como se percebem dentro dessa cena artística que vai se formando com o passar dos anos? Para a pesquisadora em dança Thaís Gonçalves,

Parece indiscutível que a arte é possuidora de um potencial capaz de apaziguar conflitos sociais. Mas, até que ponto o ensino da arte provoca uma transformação em que os beneficiados sejam instigados a uma atitude crítica diante de sua realidade, a serem

protagonistas de modificações estruturais na sociedade (...)?
(GONÇALVES, 2009, p. 1).

Nesse sentido, atribuo o conhecimento obtido durante a graduação em Dança como essencial para atuar como professora de crianças e adolescentes, no CCBJ, pois a Licenciatura me possibilitou desenvolver um olhar mais atento e cuidadoso para os alunos, percebendo formas de conviver e respeitar as diferenças ao mesmo tempo em que os processos educativos e criativos em dança se dão. As aulas são planejadas e desenvolvidas junto à uma percepção do dia a dia dos alunos durante o tempo que passam na sala de aula.

No início, foi um pouco difícil porque me tornei professora dos meus colegas de turma, de quando eu ainda era aluna. Alguns deles eram meus amigos ou mais velhos do que eu. A relação entre nós se modificou, senti que precisava ser mais séria e não me sentia à vontade para ter as mesmas brincadeiras e as mesmas conversas, falar sobre minhas dificuldades ou inseguranças, principalmente no horário da aula. Eu ficava muito focada para desenvolver o conteúdo e passar confiança nas proposições, principalmente por serem pessoas com quem eu tinha aprendido junto. Sem dúvida foi o meu primeiro desafio como professora do CCBJ e que me fez aprender bastante.

Também fiquei responsável por ensinar outras turmas com crianças, adolescentes e jovens. Em junho de 2018, desenvolvi e apresentei meu primeiro espetáculo intitulado *As Palavras Não Dão Conta*. Esse trabalho foi apenas com a turma de jovens. Em cada uma das outras turmas organizei pequenas apresentações de processo. O trabalho foi uma reflexão sobre a realidade do Bom Jardim, que enfrenta muita violência, é uma situação muito delicada e que interfere completamente nas nossas vidas.



Fotos 18 e 19. Divulgação do espetáculo *As Palavras não Dão Conta*, com alunos do CCBJ, coreografia e direção de Letícia Vasconcelos, em 2018 Acervo pessoal.

Em 2019, desenvolvi o espetáculo *Sequências e Caminhos a Trilhar*, com todos os alunos da escola de dança. Neste espetáculo trabalhei temas sobre persistência, criatividade e experiências. Nas turmas infantis pesquisamos

movimentos com ludicidade, brincadeiras e jogos. Já nas turmas de adolescentes, utilizei textos, vídeos e diálogos sobre as aulas, além das práticas corporais, para estimular o trabalho em grupo, assim como improviso e criação, entendendo que cada momento é de transformação, cada movimento constrói um caminho na dança, outras vezes desconstrói pensamentos, incentiva a imaginação, a criatividade.



Foto 20. Preparação para apresentação do espetáculo *Sequências e Caminhos a Trilhar*, com alunas do CCBJ, com coreografia e direção de Leticia Vasconcelos, em 2019 Acervo pessoal.



Foto 21. Final de apresentação de dança na Mostra das Artes, Praça do CCBJ. Espetáculo *Sequências e Caminhos a Trilhar*, com alunas do CCBJ, coreografia e direção de Leticia Vasconcelos, em 2019. Acervo pessoal.

Para minhas turmas, tento mostrar que o espaço da sala de aula é um lugar para estarmos juntos, nos conhecendo, nos apoiando, brincando, aprendendo e superando os obstáculos. Aliás, desde março de 2020, temos vivido um período de adaptação constante dado o contexto da pandemia do Coronavírus/Covid-19. Todas as aulas estão sendo ministradas de modo remoto. É um desafio constante estar próxima das mães, acompanhando as atividades das alunas. Em momentos

diferentes meu celular toca e todas as mensagens são importantes. Tenho que participar de todas as reuniões, gravar as videoaulas, editar, enviar, estar atenta aos grupos para estimular a participação nas atividades. Meu celular praticamente passa o dia carregando na tomada, tamanha a demanda desse atual contexto de um trabalho que se tornou virtual.

Todo dia existe algo novo para aprender, planejar diferentes aulas e pensar se vai chegar nas alunas como algo interessante. E o retorno delas com os vídeos, a criatividade, é motivador, emocionante e gratificante. Eu não tinha experiência nenhuma para gravar vídeos, quais aplicativos usar, ângulos, luz e como falar no vídeo. É bom saber que estamos fazendo o possível para que o curso continue com qualidade, e estamos nos aperfeiçoando, inclusive a direção do CCBJ ofereceu, aos professores, uma oficina de três dias para nos ensinar a utilizar câmeras, fazer isolamento acústico, cores das nossas roupas e a relação com a luz, bem como edição de vídeo e respectivos aplicativos.

Com o tempo, quando paramos um pouquinho para fazer os relatórios, preencher os diários, guardar os vídeos das alunas nas pastas, podemos perceber os frutos do nosso trabalho, que com tudo, não deixa de ser um trabalho sensível e extremamente importante.

4.2 CCBJ revê suas políticas de formação

De acordo com o projeto pedagógico do CCBJ, é esperado que o Curso Básico de Longa Duração em Dança desenvolva habilidades no aluno e que a sua continuidade promova uma formação consistente. A dança pode se tornar, na vida desse aluno, uma opção para carreira profissional, pois as atividades culturais são mais amplas e estão se conectando cada vez mais com as atividades artísticas que acontecem na cidade.

Recebemos o plano pedagógico que explica o programa de dança no CCBJ e direciona o conteúdo que os alunos devem ter acesso no período do curso, tais como: práticas coletivas, relacionar dança e música, exercitar verbalizações com termos técnicos sobre dança, diálogos, aulas de danças contemporânea, clássica, tradicionais, entre outros conteúdos que integram o conhecimento em dança, bem como a formação social e humana.

Um dos pontos que está sendo avaliado e repensado, é como desenvolver estratégias para garantir a maior participação do aluno no curso. Acredito que um dos motivos da evasão seja porque as atividades desenvolvidas ainda são vistas e comparadas com a de um projeto social, sem a rigurosidade de uma escola; perdoar faltas, alunos entrando e saindo sem uma estabilidade de presença no curso, muitas vezes sem justificativa. Isso se dá, porque no contexto entre escola e projeto social, a dança, segundo a crítica de dança e professora Silvia Soter,

Torna-se ferramenta para a transformação e busca garantir um outro lugar no mundo àqueles que estão integrados às atividades. Entretanto, esse lugar é, por enquanto, temporário, já que não se pode ainda conhecer o impacto a médio e longo prazo dessas experiências na vida dos jovens. A dança nessa dimensão, parece ser meio, não fim (SOTER, 2002, p. 60).

Se no começo da minha atuação como professora do centro cultural, em 2017, a avaliação era um aspecto pouco organizado nesse cenário, com o tempo o CCBJ organizou, a partir de 2018, coordenações específicas para cada uma das escolas de dança, música, teatro e audiovisual. Com isso, começamos a focar em um percurso a ser desenvolvido no sentido de garantir um desenvolvimento para os alunos, um caminho formativo a trilhar. Com essa mudança, o CCBJ começa a estabelecer a continuidade das formações dentro de cada eixo, deixando assim de ser visto apenas como um projeto social.

Entre as ações que estão sendo estruturadas, está a implementação do Curso Técnico de Dança (CTD) no CCBJ, numa parceria com o Porto Iracema das Artes. A primeira turma iniciou suas aulas no segundo semestre de 2019. Assim, existem, atualmente, três possibilidades de acesso à dança: os cursos livres, voltados para faixas etárias diversas; o curso básico de longa duração em dança, direcionado para a faixa etária de 5 a 16 anos; e, mais recentemente, o CTD, que recebe inscrições de alunos a partir da faixa etária de 17 anos. Está em teste, ainda, uma turma de aprofundamento em dança, para alunos entre 14 e 16 anos, com revisão de conteúdos e que tem como finalidade preparar os alunos do curso básico de longa duração em dança para o ingresso no CTD.

Diante de uma formação continuada, com vistas a uma profissionalização em dança, o projeto pedagógico dos cursos ganharam mais fôlego e maturidade. No curso básico de longa duração em dança, os alunos agora passam por ciclos com conteúdos específicos a serem desenvolvidos. Se houver faltas excessivas, se o

aluno for novato ou se não houver uma compreensão adequada dos conteúdos, poderá ser indicado o ingresso ou a permanência em um ciclo previamente previsto para uma faixa etária diferente desse aluno, o que não acontecia até o presente momento.

Hoje podemos perceber o quanto a formação em dança na cidade de Fortaleza se ampliou e se fortaleceu com conquistas importantes e reivindicações por espaços culturais e artísticos. O quanto a formação em dança que hoje temos nos equipamentos públicos, seja como cursos livres, laboratórios, cursos básicos de curta ou longa duração, cursos técnicos e graduação, se atravessam e nos guiam para um pensamento que agrega, reúne e possibilita ampliar a experiência com o campo de saberes da dança e das artes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever, compartilhar e gerar reflexões a partir deste trabalho, sobre o meu trajeto de formação, percebo a importância de ter tido acesso à dança por meio de políticas públicas voltadas para a dança em Fortaleza, sobretudo no Bom Jardim, o bairro onde moro. Minha busca por cursos preparatórios e profissionalizantes em equipamentos municipais, estadual e federal, onde pude participar dos cursos livres ao curso técnico profissionalizante até chegar à graduação em Dança, me conduziram em um processo bem estruturado, permitindo me tornar uma profissional da área.

Os equipamentos culturais que temos na cidade me possibilitaram realizar objetivos e conquistar experiências que queria muito. Espero que a arte seja cada vez mais valorizada, reconhecida, difundida e ampliada para que muitas outras pessoas que moram no mesmo bairro que eu e em outras comunidades carentes, em periferias, possam ter acesso ao conhecimento, se desenvolvendo com o direito, que é de todos, à arte e à educação.

Uma grande mudança aconteceu na minha vida por ter tido acesso aos equipamentos culturais públicos que foram sendo construídos ainda durante a minha infância e adolescência, como o CCBJ, que foi inaugurado em 2006, e o CUCA Barra do Ceará em 2009, assim como a graduação em Dança da UFC, iniciada em 2011, e a formação básica em dança da Vila das Artes, com atividades oferecidas a partir de 2007.

É fundamental que esses espaços sigam funcionando para assegurar o acesso à formação em artes, além de atuarem com a função de acolher crianças e adolescentes em seus tempos livres e, assim, contribuir para diminuir a violência, a precariedade da vida comunitária, bem como abrir caminhos de profissionalização que reduzam o nível de desemprego e tragam mais dignidade às famílias. Sendo as artes parte dos direitos básicos do ser humano, podemos pensar a formação direcionada para a arte como um elo importante a ser mantido como uma das prioridades das políticas públicas de uma cidade, de um Estado e de um país.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002, p. 20-28.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

CARVALHO, Valdeci. **Bom Jardim: A construção de uma história**. Fortaleza, [s.n] Maio/ 2008.

FREIRE, Ida Mara. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. **Cadernos Cedes**, Abril/2001.

GONÇALVES, Thaís. Dança: Políticas de Cultura para Potencializar a Vida. **Anais do V ENECULT**. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2009.

ICLE, Gilberto. **Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola – volume 2**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

JARDIM DE GENTE – Revista do Centro Cultural do Bom Jardim. Ano 3, Fortaleza, [s.n], 2009.

JARDIM DE GENTE – Revista do Centro Cultural do Bom Jardim. Ano 4, Fortaleza, [s.n], 2010.

JARDIM DE GENTE – Revista do Centro Cultural do Bom Jardim. Ano 5, Fortaleza, [s.n], 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. **Escola como pólo cultural**: contornos mutantes em fronteiras fixas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

LEAL, Patrícia Garcia. **As relações entre a respiração e o movimento expressivo no trabalho de chão da técnica de Martha Graham**. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes. **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje**: Textos e Contextos. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Rodrigo Lima; CARDOSO, Daniela Leite; BARBOSA, Ronaldo dos Santos. Princípios básicos de cartografia escolar no ensino fundamental: teoria e prática. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 5, n. 8, p. 20-42, jan./jun. 2014.

SOTER, Sílvia. A dança da exclusão social. In: **Gesto** – Revista do Centro Coreográfico do Rio, nº 1. Rio de Janeiro: RioArte, Dez/2002, p. 59-61.